

PARÔÔÔUU!!!!

Parôôôu!!! Quem passou a infância e a adolescência em Copacabana, nos anos de 1960 até meados de 1970, vai lembrar deste grito.

É possível imaginar garotos jogando bola no meio da rua, em plena Copacabana? Quem passa, hoje, na Rua Barão de Ipanema, certamente diria ser impossível até mesmo alguém fazer embaixadinhas na calçada; jogar uma “pelada”, nem pensar.

Saibam que isso acontecia. Jogávamos bola usando as calçadas e a rua. Naquele tempo os carros ainda não estacionavam em cima da calçada. Os pedestres não precisavam se esgueirar entre carros. Os carrinhos de nenê podiam trafegar livremente; não havia esses monstregos de pedra que fazem hoje para impedir dos carros estacionarem. Brincávamos na rua, principalmente jogar futebol.

Ah, o que significa, afinal, o tal grito? Vamos lá.

A Barão de Ipanema, no quarteirão onde morávamos, ligava a Barata Ribeiro a Pompeu Loureiro. O movimento não era grande, não havia ainda o túnel Rebouças, aquele que foi o verdadeiro alçóez da nossa tranqüilidade. Mas voltando ao grito. Os jogos de futebol eram na rua, geralmente nos domingos pela manhã, com campeonatos organizados, torcida, camisetas, até vestiários, pois um dos prédios, o de número 127, chamado Mocó, tinha duas garagens iguais, de cada lado da entrada principal – a social – que ficava bem no meio. Os times se preparavam nas garagens, um de cada lado e, uma vez devidamente fardados, adentravam o asfalto. Uma festa, com direito a foguetes e torcida sentada nos muros das casas da vila. Sim, havia uma vila, aliás ela existe até hoje, mas as casas que davam para rua viraram prédios de apartamentos. Estas casas eram as arquibancadas da torcida. Eu lembro de dois times: o Porto Alegre, de camisas azuis e o Veneza, que tinha como patrocinador um cara chamado Vieira. Ele tinha grana, e o time chegava de Kombi, um verdadeiro luxo. A bola do jogo era meio avermelhada, chamada Pelé. Era leve e o risco era cair no pátio de um maldito cachorro de uma das casas da vila. Aquele cachorro, por várias vezes, acabou com a nossa alegria. Bastava encostar seus dentes e lá se ia a bola. Eu recordo que houve uma vingança contra este cachorro, mas é uma outra estória. No dia seguinte tínhamos que fazer a famosa “vaquinha” e comprar uma bola nova. Afora esse pequeno problema, às vezes a bola batia na cabeça de alguém, causando uma certa confusão, uns mais afoitos já soltavam uns pequenos palavrões, enfim, nada que interrompesse muito tempo o jogo.

Mas e o grito? Bem, três coisas, além do cachorro e das boladas, interrompiam o jogo: mulher grávida, carrinho de nenê e carro. E para isso gritávamos: Parôôôuu!. Estivesse onde estivesse a bola, parava tudo, ninguém podia sair do lugar que estava. O carro apontava na esquina da Barata Ribeiro e alguém gritava: Parôôôuu!. E todos paravam. É claro que nem sempre isso acontecia. Às vezes, uns mais malandros avançavam um pouco do lugar, chutavam a gol, dizendo que o grito foi depois. Todos discutiam, até mesmo algumas brigas, mas feitos os esclarecimentos de praxe, o jogo seguia. Passado o carro, o jogo recomeçava. Da mesma forma, o jogo parava quando vinha pela calçada alguma mulher grávida. Era uma espécie de preservação da raça humana, pois uma bolada no ventre seria muito perigoso. Velhos também eram respeitados. E evidente que os carrinhos de bebê da mesma forma. Acho que, de fato, quatro coisas interrompiam o jogo.

O futebol fazia parte do cenário daquela rua. As calçadas pertenciam a todos nós. A rua era nosso segundo lar. Era seguro, prazeroso. Ali construímos nossos valores, sonhamos, brigamos, falávamos de tudo. Crescemos, tivemos nossas primeiras paixões e as primeiras decepções. Muitas gerações ali passaram, brincaram, cresceram e aprenderam na Rua Barão de Ipanema, que hoje, apesar da sombra das amendoeiras, apenas o grito ecoa, mas na mente de cada um que lá esteve: Parôôôuuu!

SERGIO SERPA
MARÇO DE 2006